

A Liberdade da Vontade Diante dos Fatores Sociológicos: uma Aproximação entre as Teorias de Viktor Frankl e Zygmunt Bauman

Maria Cristina Neiva de Carvalho¹ , Maria Helena Budal da Silva² ,
Raissa Daniella Correa Gomes³ 

Resumo: As demandas psicológicas têm aumentando significativamente na sociedade atual, sendo necessárias pesquisas que auxiliem a apreender as etiologias destes fenômenos. Portanto, a presente pesquisa objetivou contribuir à esta problemática recorrendo a Logoterapia de Viktor Frankl e a teoria da Modernidade Líquida de Zygmunt Bauman, através de uma revisão bibliográfica focada na temática da liberdade noética. Ressalta-se que a liberdade da vontade é o primeiro pilar da Logoterapia, na qual se debate a questão da liberdade individual perante as condicionalidades – fatores biológicos, psicológicos e sociais –, estando intrinsecamente vinculada aos outros dois pilares, a vontade de sentido e o sentido da vida. Entretanto, esta pesquisa foi voltada à liberdade noética em relação a estrutura social da contemporaneidade, e como esta relação pode estar associada ao vazio existencial e suas manifestações, sendo estas: suicídio, violência e dependência química. Para isso, foram utilizadas as obras dos dois autores principais e outras referências complementares, com o objetivo de desenvolver uma relação entre a perspectiva da liberdade na Modernidade Líquida e o fundamento logoterápico da liberdade da vontade. A partir dos resultados foi factível notar proximidades entre as duas teorias, assim como identificar aspectos da Modernidade Líquida como possíveis variáveis sociológicas das manifestações do vazio existencial, além de clarificar a diferença acerca da liberdade enquanto correlacionada ao capitalismo do consumo e enquanto imprescindível para a existência autêntica apresentada por Frankl. À vista disso, concluiu-se a urgente necessidade de resgatar a consciência de humanidade do homem contemporâneo, o seu senso de coletividade e o conceito de autotranscendência.

Palavras-chave: vazio existencial, modernidade líquida, liberdade, contemporaneidade

The Freedom of Will in the Face of Sociological Factors: an Approach Between the Theories of Viktor Frankl and Zygmunt Bauman

Abstract: The psychological demands have been increasing significantly in today's society, so researches are necessary to help apprehend the etiologies of these phenomena. Therefore, the present research aimed to contribute to this problematic resorting to Viktor Frankl's Logotherapy and the Zygmunt Bauman's theory of Liquid Modernity, through a bibliographic revision focused on the theme of noetic freedom. It is emphasized that the freedom of will is the first pillar of Logotherapy, in which is debated the issue of individual freedom in face of conditionalities - biological, psychological and social factors-, being intrinsically linked to the other two pillars, the will of sense and the meaning of life. However, this research was focused on the noetic freedom in relation to the contemporary social structure, and how this relationship can be associated to the existential emptiness and its manifestations, these being: suicide, violence and chemical dependency. For this purpose, the works of the two main authors and other complementary references were used, with the goal of developing a relation between the perspective of freedom in Liquid Modernity and the logoterapic foundation of the freedom of will. Based on the results, it was feasible to note proximity between the two theories, as well as to identify aspects of Liquid Modernity as possible sociological variables of the manifestations of the existential emptiness, in addition to clarify the difference about freedom as correlated to consumer capitalism and as indispensable for the authentic existence presented by Frankl. Upon this, it is concluded the urgent need to rescue the humanity of contemporary man, his humanity consciousness, sense of collectivity and the concept of self-transcendence.

Keywords: existential emptiness, liquid modernity, freedom, contemporaneity

¹ Psicóloga. Mestra em Psicologia. Doutora em Direito. PUC-PR. Curitiba-PR, Brasil. *E-mail:* cristina.n@pucpr.br

² Psicóloga, Logoterapeuta, Mestra em Tecnologia e Interação Humana pela UTFPR. PUC-PR. Curitiba-PR, Brasil. *E-mail:* maria.budal@pucpr.br

³ Psicóloga. Egressa PUC-PR. Curitiba-PR, Brasil. *E-mail:* dcorreagomes@gmail.com

Submetido em: 30/11/2020. Primeira decisão editorial: 05/12/2020. Aceito em: 15/12/2020.

A subjetividade humana está intrinsecamente entrelaçada ao contexto histórico vigente desta relação surgem grandes questões que norteiam o *Zeitgeist*¹ e, conseqüentemente, a problemática compartilhada coletivamente. Dessa forma, compreender socialmente a contemporaneidade é imprescindível para escolher temas de pesquisas que possam contribuir na busca por respostas aos problemas atuais.

As demandas psicológicas têm aumentado significativamente na sociedade contemporânea, afirmativa fundamentada em dados de órgãos oficiais: Em setembro de 2018, a Organização Mundial da Saúde - OMS - publicou o levantamento mundial de que quase 800 mil pessoas cometem suicídio anualmente, sendo a segunda maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos de idade. Segundo o Ministério da Saúde, através do Sistema de Informações sobre Mortalidade, em 2016 houve 62.517 homicídios no Brasil, superando o patamar de trinta mortes por 100 mil habitantes. Já em 2015, o Relatório Mundial sobre Drogas registrou que 250 milhões de pessoas no mundo usavam drogas, sendo que 0,06% da população adulta global apresentaram transtornos relacionados ao uso, inclusive a dependência.

Estes fenômenos já estão sendo tratados como questão de interesse público, o que aponta a urgência na compreensão destas realidades. Porém, não se pode desconsiderar a complexidade do tema e as diversas variáveis relacionadas, por isso, há importância de diferentes áreas do conhecimento dialogarem para encontrar possíveis soluções. A Psicologia e a Sociologia são duas disciplinas importantes no estudo dessas problemáticas, justamente porque o comportamento humano e os fatores sociais estão em uma relação de via de mão dupla.

¹ Palavra em alemão, traduzida para o português como “espírito da época”, criado pelo filósofo Johann Gottfried Herder, em 1769. O termo representa a relação de vários fatores – economia, religião, política etc. – que se relacionam entre si para gerar as tradições e culturas de determinado grupo. Caracteriza-se como uma atmosfera compartilhada por todos os indivíduos de uma sociedade, abrangendo tanto o passado quanto os novos contextos, gerando um clima social único. É a crença de que uma determinada época histórica possui uma alma que influencia as atitudes dos indivíduos e os temas de interesse daquela sociedade naquele momento (De Araújo, 2015).

A respeito da Psicologia, o psiquiatra austríaco Viktor Frankl (2011, 2015, 2016) foi o autor que mais se aprofundou na temática do vazio existencial, apontando a neurose noogênica como a neurose da sua época, a qual caracterizou como uma frustração existencial coletiva pela sensação da falta de sentido da vida. Para o autor, a grande questão do homem contemporâneo era o vazio existencial, a falta de um *para quê* viver, que o levava ao desespero e se manifestava concretamente pelo suicídio, violência e vícios. Afirmava que a tríade trágica da existência - dor, culpa e morte - é impossível de ser evitada, cabendo ao homem à liberdade para responder individualmente a própria vida de forma consciente e responsável, para só assim ser capaz de viver uma vida plena de sentido.

Viktor Frankl (2011, 2015, 2016) buscava resgatar a integralidade do ser humano ao afirmar que, além das dimensões biológicas e psicológicas, há no homem a dimensão noética que abarca a capacidade humana de dar sentido à vida em qualquer condição. O autor sobreviveu às duas Guerras Mundiais, sendo que na 2ª Guerra passou por quatro campos de concentração nazista, utilizando dessa vivência, a qual ele caracterizou como “experiência-limite”, como laboratório vivencial para confirmar sua teoria que já estava sendo desenvolvida antes desse acontecimento. Frankl faleceu em 1997, porém, suas ideias permanecem de extrema relevância se nos atentarmos aos números alarmantes dos órgãos oficiais que foram anteriormente apresentados.

No Brasil, a Logoterapia ainda não é tão difundida e há muitos equívocos na interpretação dos preceitos que a fundamentam. Por exemplo, Frankl (2011, 2015, 2016) abordou as dimensões biológicas e psicológicas, introduzindo a dimensão noética como a que diferencia o homem dos animais e o torna humano, sendo intrínseca a esta dimensão a liberdade da vontade, condição antropológica acessível perante qualquer circunstância e estando também em relação as facticidades sociológicas. Ou seja, o autor não desconsidera os fatores condicionantes, pois a liberdade só pode ser vivida no solo do “destino/ do inescapável” - da realidade - e está associada a uma resposta para uma tomada de atitude e não uma exclusão dos fatores sociais e das dimensões psicológica e/ou biológica. Apesar de explicar este conceito em seus livros, há distorções pelo senso comum acerca do entendimento de liberdade noética e dos condicionamentos sociais, de forma a romantizar a Logoterapia, impedindo a

compreensão da complexidade do vazio existencial e de suas manifestações.

Ressalta-se que, por sua formação acadêmica e sua proposta psicoterapêutica, não era objetivo de Viktor Frankl se debruçar em teorias sociais. Dessa forma, a presente pesquisa do tipo revisão bibliográfica terá por intuito contribuir na compreensão da Logoterapia, recorrendo a um autor atual da sociologia para ampliar a perspectiva sobre a liberdade noética em relação à dimensão social no vazio existencial. Para isso, escolheu-se o sociólogo austríaco Zygmunt Bauman, considerado grande autor do séc. XX e XXI, tendo diversas publicações sobre o que ele denominou a modernidade líquida.

Em suas obras, Bauman (2001b, 2007) discorreu sobre a transição da *sociedade sólida* para *líquida* apontando as mudanças sociais, políticas e as quedas das tradições como fatores que contribuíram para essa transformação. Empenhou-se em compreender como os fenômenos da modernidade, por exemplo, a tecnologia e a conseqüente globalização, impactaram nas relações humanas e tornaram o homem imediatista na medida em que este homem não permanece muito tempo no mesmo lugar. Ainda, estudou o consumo desenfreado advindo do capitalismo e a queda da esfera pública que gerou a individualização, buscando compreender os fatores sociais que permeiam a contemporaneidade. Bauman apontava que os diversos estímulos aos quais o homem moderno está sujeito e a dificuldade de este responder a tantas opções que, inclusive, se contradizem, geram sujeitos angustiados com a responsabilidade de escolher.

Por fim, apesar de ter sido delimitado como tema chave para iniciar a compreensão do vazio existencial e suas manifestações, o primeiro pilar da Logoterapia: *a liberdade da vontade*, evidentemente, os outros dois pilares que são *a vontade de sentido* e *o sentido da vida*, serão citados visto que esses três fundamentos estão intimamente interligados. Assim, o objetivo geral será desenvolver uma relação entre a perspectiva da liberdade na modernidade líquida e o fundamento logoterápico da liberdade da vontade.

Objetivos

Os dois primeiros objetivos específicos, sendo esses descrever os fundamentos da liberdade da vontade pela abordagem da Logoterapia do

psiquiatra Viktor Frankl e investigar a perspectiva da liberdade na teoria da modernidade líquida do sociólogo Zygmunt Bauman, visaram apresentar as ideias dos dois autores escolhidos. Os resultados de tais objetivos foram sistematizados, respectivamente, em quatro e três capítulos, de forma a organizar a apresentação da teoria destes dois autores centralizado na temática da liberdade.

Posteriormente, os dois últimos objetivos específicos foram estabelecidos com a finalidade de relacionar os aspectos identificados da liberdade na teoria da modernidade líquida com o fundamento logoterápico da liberdade da vontade e identificar aspectos da liberdade na teoria da modernidade líquida como prováveis variáveis da dimensão social presentes no vazio existencial. Os resultados foram discorridos em capítulos únicos para cada um desses objetivos.

Assim, os objetivos específicos foram estipulados de modo a direcionar os resultados para o objetivo geral do presente artigo que foi desenvolver uma relação entre a perspectiva da liberdade na modernidade líquida e o fundamento logoterápico da liberdade da vontade.

Método

A presente pesquisa foi do tipo revisão bibliográfica, na qual a seleção de fontes foi, preferencialmente, livros dos autores Viktor Frankl e Zygmunt Bauman, no idioma português de Portugal e do Brasil, tendo como critério de exclusão livros de caráter biográficos. Ainda, objetivando complementar o entendimento destas pesquisadoras acerca das temáticas abordadas, foram utilizadas fontes complementares relevantes à pesquisa selecionadas por indicação ou por meio de dados eletrônicos.

Os livros selecionados foram encontrados em sites que tinham como proposta de conteúdo acervos online para usuários do meio acadêmico, e que disponibilizavam os livros gratuitamente para download em formato pdf. Além disso, as obras físicas foram encontradas no acervo da Biblioteca Central da PUCPR e no acervo pessoal das autoras deste artigo.

Resultados

Os resultados, em seu conteúdo originário, foram discorridos em formato de texto no total de

vinte e quatro páginas. As informações foram sistematizadas em capítulos conforme os objetivos específicos elaborados a fim de organizar esta etapa da pesquisa. Neste artigo, os resultados estão esquematizados na Tabela 1, Tabela 2, Tabela 3 e Tabela 4, indicando o nome de cada capítulo, as referências utilizadas e as ideias centrais. As tabelas foram divididas em quatro seguindo os objetivos específicos estipulados com o intuito de apresentar os resultados de maneira mais objetiva. Portanto, neste artigo, os resultados foram descritos em formato resumido, enquanto a análise destes e a conclusão final foram integralmente preservados conforme dissertados no relatório final da pesquisa.

Tabela 1

Esquematização dos resultados apresentados de forma resumida

Continua

Objetivo específico 1: Descrever os fundamentos da liberdade da vontade pela abordagem da Logoterapia do psiquiatra Viktor Frankl

Nome do capítulo	Referências utilizadas
Fundamento logoterápico da liberdade da vontade: A teoria antropológica e a visão filosófica da vida na Logoterapia	Frankl (2011), Frankl (2015), Frankl (2016), Frankl (2016), Frankl (2017), Pereira (2015), Pires (2012).

Ideias centrais

Na percepção de Frankl, o debate *mente-corpo* não apreendia a pessoa humana em sua integralidade, visto que, o mantinha reduzido entre a discussão do campo biológico e psicológico, descaracterizando a unicidade do ser. A Logoterapia se diferencia, justamente, por seus fundamentos antropológicos, no qual apresenta uma visão tridimensional do homem ao introduzir a terceira e, fundamental, *dimensão noológica*. Ao introduzir a *dimensão noológica*, Frankl não descaracteriza as dimensões biológicas e psicológicas, pelo contrário, as integra e aponta para uma nova compreensão do ser humano. Na Logoterapia, a questão espiritual é de conteúdo antropológico, que não pode ser confundida em caráter teológico. *Logos* corresponde ao espírito, intrínsecos a *dimensão noológica*, a qual possibilita ao homem expressar o que há de mais humano: a sua capacidade de se distanciar das condicionalidades para uma tomada de atitude que as supere. Portanto, o autor afirma que a pessoa humana é um ser livre, na qual tal liberdade não corresponde a um indeterminismo *a priori*, mas sim, à uma liberdade finita de um ser humano finito. A liberdade na Logoterapia é sempre direcionada a uma ação, é uma possibilidade de agir para além das condicionalidades.

Nome do capítulo	Referências utilizadas
Fundamento logoterápico da Liberdade da vontade: o ser-consciente e o ser-responsável	Boris (2011), Frankl (2011), Frankl (2015), Frankl (2016), Frankl (2016), Frankl (2017), Heidegger (1981), Holanda (2011), Husserl (2012), Pereira (2015), Pires (2012).

Ideias centrais

A descrição do sentido na Logoterapia não corresponde a um *subjetivismo*, na medida em que não é possível realizá-lo no eu solipsista, mas sim, é passível de ser encontrado a partir da relação do ser com as possibilidades presentes no mundo concreto. Sendo assim, o sentido se apresenta pela concepção da *trans-subjetividade*, e se concretiza na existência desse campo relacional entre o ser e o mundo. Afirma Frankl que, para compreender a obrigatoriedade da vida, é necessária uma virada copérnica na questão do sentido. Na Logoterapia, não é o homem que pergunta qual o sentido da vida, contudo, é a vida que pergunta ao homem através das possibilidades que lhe apresenta, e a esse homem caberá responder a partir de uma tomada de atitude que concretize o sentido. Portanto, há na relação entre um ser único e uma situação igualmente única a obrigatoriedade do *dever-ser* no agora, a necessidade de se reportar à própria consciência para se direcionar ao sentido em cada situação no presente. Dessa forma, esta consciência é capaz de se opor aos impulsos e instintos psíquicos, assim como às demais condicionalidades de ordem biológica ou sociológica, capacitando o homem para encontrar o *ser-responsável*, para ser aquele que decide visto que o ser humano é sempre consciente de uma capacidade de resposta. Frankl apresenta o *ser-consciente* e *ser-responsável* como constituintes da liberdade da vontade e imprescindíveis para a concretização do sentido. A Logoterapia se interessa não só pelo *o que* o ser humano faz, mas também por *como* ele faz. O homem é responsável por decidir, e só se torna para além de si mesmo quando realiza ações no mundo concreto, só existe autenticamente por suas atitudes. Dessa forma, o homem deve ser responsável por suas ações, por como se relaciona com os outros, por como suporta o sofrimento e diante de quem ou o que decide reportar suas atitudes, escolha esta que também aponta a essência transcendente da existência humana. Diante dessas questões, a possibilidade do sentido existe em cada instante, assim como, também existe em caráter de incumbência da vida, como uma missão a ser realizada de forma pessoal e intransferível, possuindo um ponto de direção no futuro que capacita a pessoa humana a suportar o presente, que dá ao ser humano um *para quê* viver.

Tabela 1

Esquematização dos resultados apresentados de forma resumida

Conclusão

Nome do capítulo	Referências utilizadas
A liberdade da vontade	Frankl (2011), Frankl (2015), Frankl (2016), Frankl (2016), Frankl (2017), Frankl (2018).
Ideias centrais	
<p>Viktor Frankl reconhece a existência das condicionalidades psíquicas e biológicas, assim como das facticidades sociais pertencentes ao mundo. Entretanto, a partir da concepção de <i>ser-mundo relacional</i>, o autor aponta a liberdade como uma possibilidade, sempre presente, ao homem para se autodistanciar dos fatores biológicos, psicológicos e sociológicos e autotranscender a estas diante de algo ou alguém. Isso significa que a existência autêntica para a Logoterapia se dá quando o ser humano se posiciona de forma consciente e responsável, para isso, a partir da dimensão noética se autodistancia de suas condicionalidades, de modo a antagonizar a elas e decidindo se direcionar para além de si mesmo, através de uma atitude. A realização do sentido não ocorre de forma arbitrária e sim relacional, justamente por isso, que solicita ao homem se reportar à consciência que é a voz da transcendência, assim como, depende da <i>liberdade da vontade</i>. Para Frankl, é legítimo e direito de o ser humano adotar, em certas ocasiões, atitudes presentistas, considerando que o <i>dever-ser</i> pode parecer demasiadamente pesado. Entretanto, na Logoterapia quando o homem assume indefinidamente uma atitude fatalista se abstendo de responder a vida, está manifestando a existência neurótica. Na medida em que o ser humano passa a se identificar com suas condicionalidades, também diminui a distância do campo relacional e a potência criadora do <i>dever-ser</i>. Dessa forma, acaba por fechar-se cada vez mais em si mesmo, limitando as possibilidades da <i>autotranscendência</i>, o homem neurótico apresenta uma relação restrita com o transcendente, deixando-se ser configurado pelas condicionalidades. Diferentemente, quando o campo relacional entre ser e mundo existe enquanto <i>trans-subjetivo</i>, tal relação torna-se fecunda ao homem para configurar suas condicionalidades, exercendo o especificamente humano, assumindo sua existência autêntica e, portanto, exercendo a <i>liberdade da vontade</i>, se movendo pela <i>vontade de sentido</i> e concretizando o <i>sentido da vida</i>.</p>	
Nome do capítulo	Referências utilizadas
A liberdade da vontade diante os fatores sociológicos	Frankl (2011), Frankl (2015), Frankl (2016), Frankl (2016), Frankl (2017), Frankl (2018), Pereira (2008), Scheler (1994).
Ideias centrais	
<p>A busca por um sentido e o questionamento sobre a própria existência é saudável e deve ser mobilizado terapeuticamente, portanto, é a fuga deste questionamento que pode frustrar a <i>vontade de sentido</i>. Porém, o ritmo acelerado da sociedade industrializada que ocupa o ser humano não cria espaços e muito menos incentiva momentos de reflexão das questões espirituais, ao contrário, disponibiliza inúmeras possibilidades para preencher o tempo, com estímulos, notícias e tarefas e ao homem que não consegue ser seletivo no que faz ou não sentido para si perante todas essas opções, acaba por se conformar com o que lhe acontece ou a aceitar de forma totalitária o que lhe é imposto. Neste ponto, Frankl faz outra crítica à sociedade moderna apontando que alguns homens possuem, não só inúmeras possibilidades, como a liberdade para satisfazer seus prazeres, enquanto outra parcela vive na escassez. Dessa forma, o autor questiona se a liberdade, nesse sentido, está acompanhada de responsabilidade. Em seus estudos, o autor identificou quatro sintomas da neurose coletiva contemporânea: 1. <i>Atitude existencial provisória</i>: caracterizada por uma existência presentista, que age pautada, apenas, no agora; 2. <i>Atitude fatalista perante a vida</i>: o homem que apenas aceita o destino como se não existisse alternativa; 3. <i>Pensamento coletivista</i>: aquele que se entrega a massa e, por consequência, quase não consegue exercer o que há de mais humano em si, seu caráter de algo único; 4. <i>Fanatismo</i>: o homem que não aceita o outro em sua individualidade, creditando como verdade absoluta sua própria opinião. Na percepção do autor, a educação deve, para além dos ensinamentos tradicionais e igualmente necessários, apurar a consciência do homem. Visto que, é através do discernimento, dessa <i>consciência noética</i>, que o ser humano consegue exercer a <i>liberdade da vontade</i> com responsabilidade. É quando o ser humano resgata sua unicidade e acessa a <i>dimensão noética</i> que é capaz de superar a neurose coletiva. Em uma era, na qual há quedas das tradições e tantas novas possibilidades se apresentam, então, o ser humano deve ser encorajado a desenvolver sua individualidade com responsabilidade, a ser para além das condicionalidades e, assim encontrar o seu sentido único.</p>	

Tabela 2

Esquematização dos resultados apresentados de forma resumida

Objetivo específico 2: Investigar a perspectiva da liberdade na teoria da modernidade líquida do sociólogo Zygmunt Bauman	
Nome do capítulo	Referências utilizadas
Aspectos da liberdade na modernidade líquida: a relação com o capitalismo do consumo	Bauman (2001), Bauman (2003), Bauman (2007), Bauman (2014), Bauman (2016)
Ideias centrais	
<p>O significado da liberdade como a capacidade humana de escolher, dotada de intenção e vontade aos interesses individuais, tornou-se indispensável para o surgimento do capitalismo do consumo. Ainda, isto ocorreu pelo deslocamento da liberdade da produção para a livre vontade de consumir. Bauman afirma que a fuga constante não é psicologicamente saudável, entretanto, é exatamente esta a conduta que a Modernidade Líquida parece incentivar, visto que o homem moderno, caso queira exercer a liberdade do consumo, não pode permanecer muito tempo com a mesma escolha, o mesmo produto e no mesmo lugar. Bauman aponta que este tipo de liberdade parece ser como uma convicção para os indivíduos, que a entendem como dada, sem parar para refletir de que maneira foi estruturada e se há alguma relação com o tipo de sociedade atual: ocidental, moderna e capitalista. Ainda, o autor indica que a tendência de uma sociedade que centraliza a liberdade no consumo é a individualização, na medida em que evidencia os interesses individuais em detrimento dos coletivos e, ao mesmo tempo, coloca o indivíduo como o único responsável pelas consequências de suas decisões.</p>	
Nome do capítulo	Referências utilizadas
A perspectiva da liberdade na Modernidade Líquida: a comunidade estética ou “cabide”	Bauman (2001), Bauman (2003), Bauman (2007), Bauman (2014), Bauman (2016)
Ideias centrais	
<p>Os indivíduos parecem pouco tentados a abrir mão dos próprios interesses para pensar no bem comum, imaginando que, com isso, perderiam seus privilégios. É como se, para estes, não houvesse a possibilidade de a liberdade existir no tipo de comunidade que preza pela fraternidade. Na <i>comunidade estética</i>, ou na <i>comunidade cabide</i> justamente por esse temporário momento em que se podem pendurar as preocupações individuais, os laços nunca serão uma construção duradoura. As pessoas podem compartilhar, brevemente, suas angústias, todavia, não por tempo suficiente para criarem o real sentimento de apoio. Ao mesmo tempo, quando o indivíduo apenas se aproxima de pessoas que compartilham os mesmos gostos, criando sub grupos da mesmice, acaba desaprendendo a lidar com a diferença. E, em um mundo tão plural, tal aprendizagem dificulta o encontrar de uma unidade enquanto comunidade.</p>	
Nome do capítulo	Referências utilizadas
A perspectiva da liberdade na Modernidade Líquida: indivíduos de jure e indivíduos de fato	Bauman (2001), Bauman (2003), Bauman (2007), Bauman (2014)
Ideias centrais	
<p>O homem moderno é considerado por Bauman um <i>indivíduo de jure</i>, visto que são individualizados, movidos pela própria ganância. Tais indivíduos sofrem de pressões individualizantes, da impermanência da <i>Modernidade Líquida</i> e da insegurança de suas decisões. Estes estão desarmados da proteção da comunidade e são destituídos do seu lugar de cidadãos, não há para eles preocupações coletivas, por isso, acreditam não precisar da comunidade. Em contrapartida, abre-se um abismo entre os <i>indivíduos de jure</i> e os <i>indivíduos de fato</i>, esses segundos são detentores do seu destino e tomam decisões baseadas em seus reais desejos, e não como fruto da estrutura da sociedade. Os <i>indivíduos de fato</i> não são solitários em suas ações, possuindo senso de cidadania e comunidade. Para os <i>indivíduos de jure</i>, os <i>indivíduos de fato</i> são considerados fracos e são postos de lados. O autor declara ser necessário repensar a liberdade, a tornando um conceito a nível planetário e que alcance todas as camadas sociais. Em um mundo globalizado em que a pobreza de um país não passa despercebida pelos indivíduos de outro país localizado a quilômetros de distância, as soluções para os problemas atuais precisam ser pensadas globalmente.</p>	

Tabela 3

Esquematização dos resultados apresentados de forma resumida

Objetivo específico 3: Relacionar os aspectos identificados da liberdade na teoria da modernidade líquida com o fundamento logoterápico da liberdade da vontade.

Nome do capítulo	Referências utilizadas
Liberdade da vontade e os aspectos da liberdade na Modernidade Líquida	Bauman (2001), Bauman (2003), Bauman (2007), Bauman (2014), Frankl (2011), Frankl (2015), Frankl (2016), Frankl (2016), Frankl (2017).

Ideias centrais

A liberdade da vontade se caracteriza como uma condição especificamente humana de responder a vida. Quando o homem se exime de sua responsabilidade perante a vida

Ideias centrais

há a possibilidade de uma atitude fatalista, podendo destituir a vida de sentido e, conseqüentemente, manifestar o *vazio existencial*. A relação ser-mundo fundamenta a Logoterapia, por isso, Frankl também aponta a liberdade como relacional. Assim, a relação que o ser estabelece com a dimensão social é imprescindível para a concretização do sentido, visto que o sentido na Logoterapia precisa ser concretizado através da ação no mundo fora do homem. Já a liberdade a qual discorre Bauman é característica essencial da sociedade moderna, visto que seus aspectos estão intimamente entrelaçados à sua estruturação, dependendo da livre vontade dos indivíduos para se manter. Os aspectos da liberdade na *Modernidade Líquida* se apresentam como uma construção cultural do capitalismo do consumo, que incentiva o homem a ser guiado pela incansável busca dos prazeres individuais através das inúmeras possibilidades presentes no mercado. Para Bauman, a sociedade moderna mais divide do que busca uma unidade na humanidade, já que o sentimento de fraternidade previsto na comunidade é entendido como uma ameaça à liberdade individual.

Tabela 4

Esquematização dos resultados apresentados de forma resumida

Objetivo específico 4: Identificar aspectos da liberdade na teoria da modernidade líquida como prováveis variáveis da dimensão social presentes no vazio existencial.

Nome do capítulo	Referências utilizadas
Identificar aspectos da liberdade na teoria da modernidade líquida como prováveis variáveis da dimensão social presentes no vazio existencial.	Bauman (2001), Bauman (2003), Bauman (2007), Bauman (2014), Bauman (2016), Bauman e Leocini (2018), Harari (2016), Lipovetsky (1983).

Ideias centrais

O capitalismo propõe promessas tentadoras, instituindo o consumo como o meio para o fim. Desse modo, oferece inúmeras possibilidades incentivando que o ter seja sinônimo do ser, tornando a felicidade momentânea a medida que a velocidade da oferta é rápida demais para possibilitar a solidificação de valores. Portanto, a sedução é a estratégia utilizada pelo capitalismo do consumo, que resulta em indivíduos descolados do senso de coletividade ao assumirem uma posição de indiferença aos interesses alheios, na qual o objetivo passa a ser saciar os desejos individuais. Conseqüentemente, os valores dos espaços públicos, como a transcendência, são declinados para darem espaço ao hedonismo, o qual tornou-se o princípio fundamental do comportamento humano moderno. De forma ambivalente, é justamente o hedonismo que está na origem da crise espiritual da pós-modernidade, considerando que, ao mesmo tempo em que a pós-modernidade incentiva o consumo desenfreado contrapõe que nenhuma capacidade produtiva seria capaz de saciar os desejos do consumidor.

Análise dos Resultados

Frankl e Bauman utilizam algumas palavras em comum em suas teorias, que se diferem nos significados segundo as propostas que apresentam. Por exemplo, a individualidade e a responsabilidade são dois termos presentes em suas ideias, que não são empregados da mesma forma. É evidente que os autores se propuseram a estudar o ser humano por perspectivas diferentes, o que justifica algumas distâncias entre as duas concepções aqui expostas. Contudo, não se observa que tais contrastes são excludentes, sendo possível, ainda sim, desenvolver uma relação entre a *liberdade da vontade* na Logoterapia e os aspectos da liberdade na *Modernidade Líquida*.

Conforme apontado por Bauman (2001, 2003, 2007, 2014) a liberdade não é um tema exclusivo da modernidade, e esteve presente em toda a história da humanidade sendo aplicada de diferentes maneiras. Entretanto, é no capitalismo do consumo que ela se configura como essencial para a estrutura da sociedade, em razão da existência deste tipo de capitalismo necessitar da libertação das vontades individuais. Dessa forma, observa-se que os aspectos da liberdade na *Modernidade Líquida* se diferem da *liberdade da vontade* na Logoterapia, enquanto a primeira direciona o homem para sua individualidade, no sentido de estar fechado em si mesmo, a segunda aponta o homem para a *autotranscendência*, estando este aberto ao mundo fora de si.

Esta contradição é compreensível ao observar que a Logoterapia surge como oposição ao *psicologismo*, inclusive os autores que fundamentaram a construção das ideias de Frankl, como por exemplo, Husserl (2000), Heidegger (1981) e Scheler (1995), também criticavam esse movimento de reduzir o ser humano aos instintos psíquicos. Já sob a ótica do capitalismo, retomando primeiramente o capitalismo de produção, a visão em relação ao homem era mecanicista, e o trabalho era colocado como o caminho de afirmação da identidade, sendo possível analisar o princípio do poder como o impulso que se sobressaía ao homem daquela época. Em contrapartida, no capitalismo do

consumo às vontades do homem são vistas como motor para a economia, os incentivando a serem guiados, principalmente, pelo princípio do prazer a fim de atingir a satisfação pessoal, está que é inalcançável. Em ambas as épocas há uma tentativa de reduzir o ser humano ao contexto social, e é esse movimento de olhar o homem apenas por um dos seus aspectos que é duramente reprovado por Frankl e se tornou o solo fértil para o surgimento da Logoterapia.

Pontua-se que, a partir da leitura das obras de Frankl (2011, 2015, 2016, 2016, 2017, 2018) é possível esclarecer algumas distorções acerca da liberdade da vontade, entre estas, a errônea ideia de que o ser humano para a Logoterapia é indeterminadamente livre. Compreende-se que ao criticar o reducionismo, o autor não o faz desconsiderando os fatores determinantes, que podem ser de origem biológica, psicológica ou sociológica, do contrário, está apenas rejeitando a concepção de um ser humano impotente diante esses fatores como parece ser a intenção da estrutura social tanto do capitalismo de produção quanto de consumo. Frankl chamou de *pandeterminismo* este movimento de reduzir o ser humano aos seus processos biológicos e psicológicos, e tratá-lo como resultado unicamente de seu meio social. Na Logoterapia o homem também é suas condicionalidades, e destas não é livre, porém, é potencialmente livre para se posicionar diante de algo, direcionando-se para além de si mesmo e de suas facticidades. Em vista disso, o ser humano é situacional e possui a potência de agir em direção a um sentido que transcenda o si mesmo e suas condicionalidades, estando aberto ao mundo fora de si e em relação constante com as possibilidades que ali se encontram. E é, exatamente, nesta margem da relação entre o homem, sua potência espiritual e o mundo concreto, que se localiza a liberdade para a Logoterapia (Frankl, 2011, 2015, 2016, 2017, 2018).

A proposta da Logoterapia é resgatar a consciência de humanidade do homem e, quando Bauman discorre acerca do homem moderno, fica evidente que ambos os autores concordam que o capitalismo de consumo busca destituir o ser humano de suas capacidades mais humanas, incluindo aí a liberdade acompanhada de responsabilidade. Neste

ponto, se esclarece que a *liberdade da vontade* é uma característica essencialmente humana do homem *biopsicoespiritual*, e pertence à *dimensão noética*. Já a liberdade trazida por Bauman (2001, 2003, 2007, 2009, 2014, 2016) referente a do homem moderno é submetida aos caprichos do mercado econômico, e incentivada a ser concretizada através do consumo e em um ritmo tão acelerando, que este homem parece não refletir sobre como sua liberdade de fato está sendo exercida. Assim, Bauman apresenta o homem moderno como um *indivíduo de jure*, este que se interessado apenas em satisfazer suas próprias vontades, vontades estas que estão pautadas no prazer individual. Para este tipo de indivíduo à comunidade é uma ameaça, o sentimento de fraternidade é visto como fragilidade e a liberdade individual, compreendida aqui como centrada no indivíduo, é mais importante que o companheirismo. Ainda, o *indivíduo de jure* se exime de refletir acerca dos problemas coletivos, como a própria desigualdade, ou de reavaliar seu posicionamento na sociedade justamente por temer perder sua posição que considera como privilegiada.

Portanto, o capitalismo do consumo lucra com o comportamento dos *indivíduos de jure*, e, por isso, não só os incentiva a permanecerem assim como não oportuniza serem de outra forma, configurando qualquer tentativa como uma fragilidade. Ainda, o mercado do consumo impõe que os compradores descartem na mesma medida em que adquirem, tornando a instabilidade uma característica essencial ao capitalismo de consumo, esta que elucida a liquidez da sociedade contemporânea e atinge, também, as relações humanas e a construção da identidade. A consequência dessa impermanência proposta ao homem moderno é tornar o comportamento de fuga como o *modus operandis* da atualidade (Bauman, 2001, 2003, 2007, 2009, 2014). Neste ponto, é possível correlacionar com a atitude escapista apresentada por Frankl, na qual tal atitude pode indiciar o típico comportamento do homem neurótico retratado na Logoterapia e que, para esse autor, corresponde ao perfil do homem contemporâneo.

Contudo, antes de adentrar no desenvolvimento desta relação, é fundamental outro esclarecimento acerca das distorções na

compreensão da Logoterapia. Novamente, Frankl (2011, 2015, 2016, 2016, 2017, 2018) não nega outros tipos de neuroses, ao contrário, em seus livros discorre a respeito das neuroses somatogênicas, psicogênicas, iatrogênicas, sociogênicas e noogênicas, reconhecendo a importante contribuição de outros estudiosos como Freud e Adler. Ainda, não descarta a visão de homem destes dois autores, afirmando que suas ideias se dispõem a integrar o *ser-consciente* e o *ser-responsável* e ir além do que estava sendo proposto até então na Psicologia.

Então, o que Frankl (2011, 2015, 2016, 2016, 2017, 2018) faz é apresentar uma terceira possibilidade de neurose, essa de temática noética. Este tipo de neurose se manifesta a partir de uma frustração na relação do sujeito com a vontade de sentido, e da identificação deste com as suas condicionalidades. Na *neurose noogênica*, o homem se deixa ser configurado por suas facticidades, referentes a dimensão biológica, a dimensão psicológica e/ou a condições sociais. Frankl não aponta a *liberdade da vontade* como arbitrária, e sim como uma possibilidade, reconhecendo que, às vezes, o homem pode se eximir provisoriamente de seu *dever-ser* devido ao peso que tal responsabilidade pode gerar sem chegar a manifestar uma *neurose noogênica*. O que difere é quando tal atitude se torna constante, como é incentivado pelo capitalismo de consumo, e o ser humano assume uma posição passiva diante o mundo, se conformando com o que lhe é imposto ou fazendo o que lhe dizem para ser feito e, dessa forma, se ausentando da concretização do sentido.

Abordando a temática da responsabilidade, para a Logoterapia está é instituída na expressão *dever-ser*. Isso porque a relação transcendente da consciência com o mundo proporciona o antagonismo entre o *eu sou* e o *eu devo*, gerando um campo de tensão polar e saudável que direciona o homem ao seu *dever-ser*. Esta tensão é denominada por Frankl de *noodinâmica* e abarca a potência necessária para lançar o homem em direção à realização do sentido. Para Frankl (2011, 2015, 2016, 2016, 2017, 2018) a vontade primária do ser humano é a busca pelo sentido, sendo o princípio do prazer e poder consequência dessa concretização. Quando o homem moderno se guia apenas por esses dois princípios

e ignora a vontade de sentido, há a possibilidade de restringir sua relação com a dimensão noética. Portanto, quando Bauman (2001, 2003, 2007, 2009, 2014, 2016) discorre sobre os temores existenciais do homem moderno, correlacionando com a insegurança gerada pela liquidez da modernidade, pode-se questionar se tal afirmação poderia estar relacionada às temáticas propostas pela Logoterapia. Ainda, foi possível identificar que Bauman (2001, 2003, 2007, 2014), ao abordar estas questões pela ótica da sociologia, demonstra preocupação com as demandas psicológicas consequentes da modernidade líquida.

Quando Frankl (2016, 2018) retratou a *neurose noogênica* como uma neurose coletiva devido suas etiologias, apresentou quatro sintomas observados no homem neurótico, sendo estes possíveis de serem exemplificados através do comportamento do homem moderno descrito por Bauman (2001, 2003, 2007, 2009, 2014., 2016). Portanto, a atitude número um, chamada de atitude existencial provisória, que seria quando o indivíduo age pautado apenas no agora, pode ser encontrada no comportamento de consumo quando o homem compra e descarta, sem qualquer tipo de planejamento financeiro, seduzido pelas ofertas de pagamento. A atitude número dois, o comportamento fatalista de aceitar passivamente o destino, observa-se quando os *indivíduos de jure* não refletem ou questionam a realidade, se conformando, por exemplo, como a liquidez da modernidade líquida e a fragilidade das relações humanas. A terceira atitude, o pensamento coletivista, na qual o indivíduo se entrega à massa e deixa de exercer sua autenticidade, nota-se quando Bauman discorre acerca da mesmice do homem moderno, que se aproxima de pessoas com os mesmos interesses e desaprende a viver com a diferença. E, por último, a atitude de número quatro, o fanatismo, poderia ser relacionado ao fato do indivíduo que foge da individualidade e tenta se aproximar de um *indivíduo de fato* ser visto como fraco pelos *indivíduos de jure*.

Os autores Harari (2016), Lipovetsky (1983) e Bauman (2001, 2003, 2007, 2009, 2014, 2016, 2018) concordam que na pós-modernidade o lucro se sobrepõe a todos os valores e a busca pela

felicidade parte do princípio da autorrealização, sendo representada pela satisfação dos próprios interesses através do consumo. Como resultado desta estrutura, ocorre o declínio dos valores de transcendência, a indiferença em relação ao outro e o estado permanente de angústia existencial. Correlacionando com aos fundamentos da Logoterapia, identifica-se que a configuração sociológica da contemporaneidade se constitui na depreciação das capacidades especificamente humanas, reprimido a pessoa humana de exercer os recursos noéticos, sendo estes, o autodistanciamento e a autotranscendência.

Frankl (2011, 2015, 2016, 2016, 2017, 2018) discorre sobre o prazer como efeito da concretização do sentido, contrapondo que, ao tornar a felicidade como o fim, o ser humano se perde na hiper-reflexão. Ou seja, quanto mais o homem almeja sentir o prazer, mais se distancia de a conquistar, decaindo em uma sensação de vazio. Neste ponto, é possível questionar se não é justamente este efeito que o capitalismo de consumo pretende, visto que, necessitando que os consumidores sejam seduzidos pelas ofertas do mercado, os incentiva a preencherem tal sensação a partir da aquisição bens materiais, consequentemente, aceitando permanecer no jogo do consumo. Relacionando essa estrutura social da contemporaneidade e as manifestações do vazio existencial - suicídio, violência e dependência química -, fica evidente que, ao utilizar dos impulsos humanos para obter lucro, o mercado capitalista reduz o homem a dimensão psicológica e frustra a sua relação com a vontade de sentido.

Desta forma, o homem contemporâneo adota atitudes fatalistas, escapistas e provisórias, comportamento estes que adoecem o homem e geram uma desvalorização da própria vida. Quando opta por tais condutas, o ser humano incorre no sentimento de tédio, podendo manifestar concretamente o vazio existencial. Neste ponto, Bauman (2016) aponta para a característica da mesmice como fundamento do tédio, a qual tem como efeito indivíduos incapacitados a conviver com o diferente. Esta individualização gera uma banalização da violência que passa a ocorrer sem motivos e sem gerar desconforto em quem a presencia, uma vez

que, indiferente ao outro, o homem contemporâneo assiste pacificamente as situações que acredita não serem de seu interesse (Bauman & Leonici, 2018).

Ainda, quando o ser humano opta por renunciar a sua responsabilidade e, dessa forma, se exige de exercer a liberdade da vontade, pode adotar o conformismo ou totalitarismo em relação aos fatores externos. Conforme Harari (2016), a ciência fez um pacto com a economia e o progresso ocupa o lugar central da pós-modernidade, o mundo e os próprios seres humanos passaram a ser vistos como meros processamento de dados. Conseqüentemente, a contemporaneidade representa a era das pílulas, e os indivíduos que almejam a sensação permanente do prazer, ou cessar o peso da responsabilidade, a ingestão de medicamentos torna-se uma opção viável e incentivada.

Contrapondo a questão do sentido, conceito que fundamenta a Logoterapia, Frankl (2011, 2015, 2016, 2016, 2017) afirma que em toda e qualquer situação, inclusive no sofrimento, a realização do sentido é possível. Como já descrito nos resultados, o *ser-consciente* e o *ser-responsável* são intrínsecos a liberdade da vontade, pois, sinteticamente, o homem é aberto e relacional ao mundo, mundo este que lhe exige uma resposta ao lhe apresentar caminhos possíveis para a realização do sentido. Em contrapartida, o homem deverá reportar-se a sua própria consciência a fim de se *intender* ao mundo de forma autêntica, se opondo, se necessário, aos instintos e impulsos psíquicos, percebendo-se como o ser que responde e não pode fugir da escolha, mesmo que tal escolha seja a fuga. O homem torna-se, portanto, responsável por responder à vida, resposta que é única para cada um e depende de cada situação vivida no agora. Tal resposta se configura, sempre, por uma tomada de atitude, por uma ação direcionada para além do si mesmo, para a realização do sentido concreto no mundo concreto. Assim, a concretização do sentido é possível neste campo de relação entre o *ser-mundo*. E é entre esta margem, este campo de tensão que gera a relação entre o ser e o mundo, que a *liberdade da vontade* em relação aos fatores sociais se configura.

Seguindo a relação do ser com o mundo e a respeito da dimensão social na contemporaneidade,

ambos os autores parecem concordar que a sociedade atual bombardeia o homem com diversos estímulos, os quais são, muitas vezes, contraditórios. Aliado a isso, a vida possui um ritmo acelerado que é voltado para o consumo e que não oportuniza momentos de reflexão acerca do sentido, como afirma Frankl, ou da liberdade, como aponta Bauman. Enquanto Frankl coloca que sem um *ser-consciente* é impossível se exercer a *liberdade da vontade*, Bauman afirma que o *homem de jure* concebe sua liberdade como um dado, sem a relacionar com o tipo de sociedade em que está inserido. Ainda, o peso da escolha é colocado sob os ombros dos indivíduos e o homem moderno está à mercê da própria sorte, visto que não tem garantias externas de que suas escolhas o vão conduzir para o caminho que pretende. Aqui existe uma proximidade nas ideias de ambos os autores, pois quando Frankl aborda os valores pautados em abstratos de sentido e em relação ao contexto cultural, afirma que esta categoria está enfraquecida por conta do declínio das tradições que, diferente das outras gerações, já não guia o homem em seu *dever-ser*. Já quando Bauman discorre acerca da transição do capitalismo de produção para o de consumo, aborda a questão da descentralização do poder no Estado e do aumento do espaço privado como alguns dos motivos que fundamenta a individualização do homem moderno (Bauman, 2001, 2003, 2007, 2009, 2014, 2016; Frankl, 2011; 2015, 2016, 2016, 2017, 2018).

Acerca da temática da individualidade há algumas distinções entre as duas teorias, novamente, por estarem sendo analisadas por perspectivas diferentes. Frankl (2011, 2015, 2016, 2016, 2017, 2018) busca elucidar a individualidade como o caráter de algo único do sujeito, associando esse conceito à concepção de responsabilidade, e instituindo a subjetividade e a objetividade do sentido, visto que, o sentido é tão singular quanto o sujeito que o concretiza. Em contrapartida, Bauman (2001, 2003, 2007, 2009, 2014, 2016) aponta a individualidade em outra direção, descrevendo o homem moderno como individualista, na qual tal ideia corresponde ao sujeito que se guia pautado no próprio interesse, na acepção egoísta da palavra. E é baseado nesse

individualismo que o homem moderno se exime da sua responsabilidade com o outro e com as questões coletivas. Frankl (2011, 2015, 2016, 2016, 2017, 2018) observa que o que ocorre na sociedade atual não é uma falta de liberdade, é uma ausência de responsabilidade. E, sem responsabilidade não há como se exercer a transcendência, o que pode ser analisado pela descrição do homem moderno. Portanto, a liberdade está intimamente presente em ambas as teorias, mas uma exige o *ser-consciente* e o *ser-responsável*, enquanto na outra não.

Contudo, Bauman (2001, 2003, 2007, 2014) também apresentou o *indivíduo de fato*, este que é muito diferente do *indivíduo de jure* e que possui similaridades com o homem autêntico apontando por Frankl. Os *indivíduos de fato* estão em relação à sociedade em que vivem e se preocupam com as questões coletivas, possuindo o senso de companheirismo. Ainda, para se tornarem *indivíduos de fato* Bauman afirma que é necessário ser, antes de tudo, cidadão. Portanto, Bauman não descreve o homem moderno como a única possibilidade de ser do ser humano, apontando que, mesmo na contemporaneidade, existem *indivíduos de fato*, ainda que estes sejam vistos como fracos pelos demais. O autor também aponta algumas reflexões necessárias para repensar a *Modernidade Líquida*, afirmando que é preciso que o homem reassuma sua cidadania, que o Estado se preocupe com as questões sociais e que o companheirismo seja um valor de comunidade. Bauman (2001, 2003, 2007, 2014, 2016) descreve a *comunidade estética*, esta pautada na imagem e no senso de individualidade, como a presente na *Modernidade Líquida*. A *comunidade estética* não possui laços duradouros e nem é permanente, ela serve como possibilidade provisória ao homem moderno para pendurar suas inseguranças e se reconfortar com alguns exemplos de outras pessoas que também sofrem, mas não encontram soluções e, muito menos, ajuda neste tipo de comunidade.

A *comunidade estética* parece ser uma soma de *indivíduos de jure*, como afirma Bauman (2001, 2003, 2007, 2014, 2016), uma sentença de massa. Neste tipo de comunidade cada um se preocupa com seus interesses e desconfia dos interesses do outro. Ainda, se for necessário ignorar a parcela da

população que vive em escassez para manter a posição de privilégio, os *indivíduos de jure* não só o fazem como constroem muros a sua volta se assegurando de que terão suas vidas privadas deixadas em paz. Este tipo de comunidade é como a massa retratada por Frankl (2011, 2015, 2016, 2017, 2018), que tenta neutralizar a autenticidade do ser humano, dificulta a reflexão acerca do sentido e tenta submeter o homem aos seus interesses. Entretanto, ressalta-se que o homem que passivamente é absorvido pela massa, ou seja, deixa de exercer a *liberdade da vontade* e se conforma em ser configurado por suas condicionalidades ou aceita ser como lhe dizem para ser, desperdiça a existência autêntica, frustrando a *vontade de sentido* e, conseqüentemente, não concretizando o *sentido da vida*.

Porém, quando Bauman (2001, 2003, 2007, 2014, 2016), discorre sobre a *comunidade ética* aponta que será possível alcançá-la quando os *indivíduos de jure* se tornarem *indivíduos de fato*. Aliás, é justamente neste abismo entre os dois tipos de indivíduo que o autor indica as tensões existências do homem moderno. Assim, pode-se pensar que é a partir do homem autêntico da Logoterapia que a *comunidade ética* seria edificada. É quando a humanidade encontrar o que Frankl (2016,) chamou de *monotropismo*, ou seja, uma unidade que ultrapasse pré-conceitos, que a *comunidade ética* se tornaria possível. É a partir da concepção de uma comunidade pautada no sentimento de fraternidade, sentimento esse que deveria ser intrínseco a estrutura de tal comunidade, que se chegaria à *comunidade ética* de Bauman e ao tipo de comunidade de Frankl, à qual propiciaria o caráter de algo único de seus indivíduos e promoveria espaço para se pensar sobre o sentido da vida.

Existem alguns caminhos retratados por ambos os autores para se alcançar esse tipo de comunidade. Para Frankl (2011, 2015, 2016, 2017, 2018), é necessário que a educação, e aqui também a autoeducação, assuma o papel de validar a busca de sentido no homem. Para além das disciplinas tradicionais, é preciso auxiliar o ser humano no resgate de compreender-se como ser propriamente noético, aqui no sentido antropológico, e exerça a *liberdade da vontade*, a *vontade de sentido* e o *sentido da vida*. Ainda, obviamente é inviável afirmar que a *Modernidade Líquida* destitui o homem da possibilidade de concretizar o sentido, visto que esta

seria uma afirmação reducionista e contrária ao que propõe a Logoterapia. Como já afirmado, a vida sempre conservará possibilidades de sentido, o que Frankl diz é sobre re-colocar o homem neste lugar, de forma responsável e consciente. Além disso, a educação auxiliaria a encontrar novas categorias de valores, novas tradições para a sociedade que estivessem pautadas nesse senso de cidadania e de companheirismo.

Bauman (2001, 2003, 2007, 2014, 2016) também pondera sobre a necessidade de o homem moderno tornar-se cidadão, e dos poderes públicos e privados encontrarem um modo equilibrado de funcionar. Para o autor, não se pode falar de um Estado que seja apenas político, é preciso que as questões sociais e coletivas estejam na pauta da agenda do governo e não sejam postas de lado em favor de interesses individuais. Bauman discorre sobre a globalização, apontando que é preciso pensar em soluções a nível planetário, visto que é impossível que a pobreza de um país passe despercebida por outro país que tenha descoberto como erradicar a fome, por exemplo. Então seria essencial buscar uma unidade humana que englobe o todo, desde as camadas mais desfavorecidas da cidade local até os indivíduos que moram em outro continente.

Considerações Finais

A partir da revisão bibliográfica realizada foi possível desenvolver uma relação que viabilizou a ampliação na compreensão de ambas as teorias. Observou-se que a estrutura do capitalismo do consumo pode estar entre as variáveis da dimensão social presentes no vazio existencial, alienando o homem de ocupar, a partir do *ser-consciente* e *ser-responsável*, seu lugar único na sociedade.

Portanto, com base na descrição e análise dos dados, abre-se margem para debates sobre como a estrutura social da contemporaneidade pode estar contribuindo para o aumento dos números de suicídio, violência e dependência química. Além disso, aponta a responsabilidade das disciplinas que estudam o ser humano e a sociedade de investir em pesquisas a respeito do tema para criar intervenções efetivas nestes fenômenos.

E, principalmente, a presente pesquisa elucida a urgente necessidade de resgatar a consciência de sua humanidade e seu senso de coletividade e introduzir o conceito de transcendência na estrutura social, tarefa que o Estado, a sociedade em geral e os profissionais da área da saúde e da educação precisam assumir. Ressalta-se que a educação tem papel primordial para viabilizar a reflexão acerca da liberdade, responsabilidade e do sentido, sendo que, se os educadores partirem do princípio de que tais fundamentos são ilusórios, continuarão perpetuando a ideia do ser humano como produto do seu meio, sem capacidade de ser para além de suas condicionalidades. Ou seja, o tema do ser-consciente e ser-responsável é uma questão de saúde pública.

Evidentemente, existem outros pressupostos e autores que poderiam auxiliar nessa trajetória, sendo a Logoterapia uma das vias possíveis. Ainda, Frankl não apresenta a Logoterapia para ser uma teoria fechada, que se encerra em si, ao contrário, a possibilita dialogar com outras disciplinas e outros pensadores, como foi realizado no decorrer deste artigo.

Contribuição

Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

Referências

- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Zahar.
- Bauman, Z. (2003). *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*. Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2007). *Tempos Líquidos*. Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2009). *Vida líquida* (2ª ed.). Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2014). *A Liberdade*. Academia Cristã.
- Bauman, Z. (2016). *Ética pós-moderna*. Paulus.
- Bauman, Z., & Leoncini, T. (2018). *Nascidos em tempos líquidos: Transformações no terceiro milênio*. Jorge Zahar.
- Boris, G. D. J. B. (2011). A (pouco conhecida) contribuição de Brentano para as psicoterapias humanistas. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 17(2), 193-197.

- De Araújo, J. M. C. (2015). *Zeitgeist e comunicação: Relações, influências e usos*. [Monografia, Universidade de Brasília]. Recuperado de https://bdm.unb.br/bitstream/10483/12382/1/2015_JuliaMatiasCarlosdeAraujo.pdf
- Frankl, V. E. (2017). *A presença ignorada de Deus* (18ª ed.). Vozes.
- Frankl, V. E. (2011). *A Vontade de Sentido: Fundamentos e aplicações da logoterapia* (4ª ed.). Paulus.
- Frankl, V. E. (2015). *O Sofrimento de uma vida sem sentido: Caminhos para encontrar a razão de viver*. É Realizações.
- Frankl, V. E. (2016). *Psicoterapia e sentido de vida: Fundamentos da logoterapia e análise existencial* (6ª ed.). Quadrantes.
- Frankl, V. E. (2018). *Psicoterapia para todos: Uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva* (3ª ed.). Vozes.
- Frankl, V. E. (2016). *Teoria e Terapia das Neuroses: Introdução à logoterapia e à análise existencial*. É Realizações.
- Harari, Y. N. (2016). *Homo Deus: Uma breve história do amanhã*. Companhia das letras.
- Heidegger, M. (1981). *Todos nós... ninguém: um enfoque fenomenológico do social*. Moraes.
- Holanda, A. F. (2014). *Fenomenologia e Humanismo: Reflexões necessárias*. Juruá.
- Husserl, E. (2000). *A ideia da fenomenologia*. Edições 70.
- Lipovetsky, G. (1983). *A era do vazio*. Relógio d'água.
- Pereira, I. S. (2008). Mundo e sentido na obra de Viktor Frankl. *Psico*, 39(2), 159-165.
- Pereira, I. S. (2015). A ontologia dimensional de Viktor Frankl: O humano entre corpo, psiquismo e espírito. *Logos & Existência*, 4(1), 2-13.
- Pires, J. J. (2012). Considerações sobre o conceito de intencionalidade em Edmund Husserl. *Kínesis*, 4(7), 286-302.
- Scheler, M. (1994). *Da reviravolta dos valores*. Vozes.